

## **Ela tem pau e a outra também tem pau: Narrativas e estéticas de deboche queer em Gambiarra Chic.<sup>1</sup>**

Eduardo Santiago<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

### **RESUMO**

Travando um debate entre as estéticas queer nas artes, este trabalho busca, a partir do pensamento de Jacques Rancière sobre uma estética política, analisar o álbum Gambiarra Chic das artistas Irmãs de Pau. A partir das letras das músicas, pretende-se estabelecer uma relação com os conceitos de deboche queer, entendido como uma estratégia de resistência da comunidade LGBTQIAP+. A análise visa compreender esteticamente esses gritos de pertencimento e celebração do prazer de um corpo trans, destacando-os como expressões de resistência e afirmação identitária.

**PALAVRAS-CHAVE:** Arte Queer; Cultura pop; LGBTQIAP+; Estética.

### **CORPO DO TEXTO**

“No meu peito carrego o mais importante: minha família e meu silicone”, diz Isma, na música Gambiarra Chic. Junto a Vita, elas formam o duo de funk Irmãs de Pau e, nas letras de suas canções, cantam sobre vivências e cotidiano, principalmente no que diz respeito à sexualidade e gênero. Em “Gambiarra Chic”, álbum homônimo lançado em 2024, as cantoras falam sobre sua vida depois de fazerem sucesso. Viagens, shows lotados e mudança de vida (principalmente levando dignidade à família) fazem parte dos relatos da dupla de compositoras, mas não só isso, elas também falam explicitamente de sexo, drogas e de um glamour alcançado a partir da ascensão através do sucesso na música.

No capítulo “Como dar close na precariedade”, BARBOSA, et al (2019, pg. 135) define um dândi como um paradoxo, “seu estilo representa um elitismo democrático, uma superioridade aristocrática a princípio não vedada a ninguém por motivos mesquinhos como história familiar ou nascimento em berço esplêndido”. Essa figura excêntrica surge na burguesia, mas o autor traz para o Brasil atual, na figura de Sosha, um artista recifense “radicalmente independente. Sem fortuna e sem sobrenome (...), (que) constroi a si mesmo como imagem fascinante e de difícil classificação” (pg. 133).

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho (GTNE15 - Estudos de Cultura Pop e Comunicação) evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 26 a 28 de junho de 2025.

<sup>2</sup>Mestrando do PPGCOM-UFPE. E-mail: eduardo.eass@ufpe.br

Corpos queer são corpos dissidentes na sua constituição, seja nos afetos, na sexualidade ou na forma de existir. Com isso, a experiência de uma pessoa queer no mundo é diferente da cis-heteronormatividade, que representa o padrão de indivíduo dentro da sociedade atual. Como coloca LOPES LOURO (2001, p. 546), “Queer representa claramente a diferença que não quer ser assimilada ou tolerada e, portanto, sua forma de ação é muito mais transgressiva e perturbadora”. Perturbação essa que é traduzida ao campo estético assim que esse ponto de vista e modo de vida é traduzido na arte produzida por aqueles corpos. O dandismo, nesse caso, é estritamente queer. Uma figura que atrai olhares de estranhamento e fascínio, que habita espaços marginalizados, procurando glamour e prestígio dentro de espaços de decadência, performando uma vida que se deseja ter dentro do contexto a que foi atribuído, ou melhor, em que consegue sobreviver e ser alguém. Uma não adequação aos espaços destinados à heterossexualidade que, em meio à contravenção, busca uma forma própria de se fazer visto.

Em “O Espectador Emancipado”, RANCIÈRE (2012, pg. 81) diz que “todas as formas de performance do corpo, da voz e dos sons contribuem para reconstruir o âmbito de nossas percepções e o dinamismo de nossos afetos.” É como se a estética do que produzimos artisticamente estivesse diretamente ligada ao que vivemos. Ele também define que política

“não é, em primeiro lugar, exercício do poder ou luta pelo poder. (...) A primeira questão política é saber que objetos e sujeitos são visados por essas instituições e essas leis, que formas de relação definem propriamente uma comunidade política, que objetos essas relações visam e que sujeitos são aptos a designar esses objetos e a discuti-los (pg. 59)”.

No texto “O Funk no Brasil Contemporâneo”, COSTA TROTTA (pg. 92) define o funk como “um gênero-símbolo de uma certa tensão social, étnica e política”, que subverte as expectativas da elite ao colocar o protagonismo na periferia. Um ritmo que surgiu na periferia brasileira e que tem como objetivo cantar e expor o dia a dia das pessoas que ali vivem. O pesquisador também fala que o funk traz uma “‘resposta’ ao histórico processo de demonização do popular” (pg. 93) a partir do excesso. Não é atoa que “Gambiarra Chic” é um álbum de funk. O álbum é pensado como uma experiência sonora de confronto, em que as batidas pesadas se juntam ao versos quase gritados que,

através de letras explícitas reivindicam espaço, afeto e existência. Ao expor suas histórias, Isma e Vita gritam suas vidas e, a partir disso, fazem política.

“Nóis é cria de quebrada/não adianta forga/ nóis fode quem nóiz quiser/ajoelhou tem que mamar” é um verso da canção FOOD FOOD, a segunda do disco. “Os mano quer cu? Vai ter! Os mano quer pau? Também vai ter!” é um verso de Gringo. Ambos os trechos retratam a origem das cantoras e colocam suas práticas sexuais e o prazer do corpo travesti em suas músicas. Desde a “assinatura” das artistas, que diz que ambas possuem pau, elas colocam o corpo travesti na frente de suas produções, mostrando as possibilidades e os lugares em que aquele corpo pode chegar. “As vozes entoam as letras com analogias e menções diretas aos corpos trans e travestis, provocam com suas performances sonoras outras possibilidades de se viver o corpo, a sexualidade, de se questionar a cisgeneridade”. (SILVA; MACIEL, pg. 139) .

Em uma chamada para ação voltada à comunidade trans, a artista Jota Mombaça diz que “para cada pessoa cisgênera que olha a si e se vê como norma, então olha o mundo e o vê como espelho, deixo o seguinte recado: nós vamos desnaturalizar a sua natureza, quebrar todas as suas réguas e hackear sua informática da dominação” (pg. 11). Pensar em uma arte que questiona esses espaços é pensar em uma arte queer, que não necessariamente precisa trazer denúncia ou reivindicar leis para fazer política. Gambiarra Chic é política que existe através do deboche, que existe por uma brecha e tenta se encaixar na sociedade por sua ironia e dandismo. É um álbum que grita (literalmente) que corpos queer, especificamente o corpo trans, têm direito de sentir prazer, de se expressar artisticamente e de estar em espaços não antes imaginados para essas pessoas, como aviões, hotéis e em viagens internacionais, vestindo roupas de grife. A subversão aqui é rir, ironizar e debochar enquanto se mostram vivas. O deboche é uma arma de sobrevivência, que ri dos que tentam calar as vozes travestis.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, André Antônio; DUARTE FILHO, Ricardo; LOPES, Denilson; NEVES, Pedro Pinheiro. **Inúteis, frívolos e distantes: À procura dos dândis**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2019.

COSTA TROTTA, Felipe da. O Funk no Brasil Contemporâneo: Uma música que incomoda. In: **Latin America Research Review**, vol. 51 (pg. 81 - 101). Baltimore: Project MUSE, 2016.

IRMÃS DE PAU. **Gambiarra Chic**. São Paulo: Tratore, 2024. Digital (duração 25 min.)

LOPES LOURO, Guacira. Teoria Queer - Uma política pós-identitária para a educação. In: **Revista Estudos Feministas** V. 9 (pg. 541 - 553). Florianópolis, 2001.

MOMBAÇA, Jota. **Não vão nos matar agora**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

PELÚCIO SILVA, Larissa Maués; MACIEL, Leonardo Silva. Ela tem pau, e a outra também tem pau?: Atravessamentos pop-poc-periféricos na música transviada das Irmãs de Pau. In: **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, Vol. 06 (pg. 137 - 157). Mato Grosso: UFMT, 2023.

RANCIÈRE, Jaques. **O Espectador Emancipado**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.